PODOMORFOS DO NOROESTE PORTUGUÊS NA IMAGÉTICA POPULAR

JOSÉ MOREIRA*
ANA M. S. BETTENCOURT**

Resumo: *A gravação de motivos em afloramentos, independentemente dos seus significados originais, deixa uma marca que persiste por milénios, motivo pelo qual as populações atribuíram-lhes topónimos e crenças, numa lógica de os integrar à luz do seu mundo socioideológico.*
Este texto sintetiza sítios com topónimos e crenças associadas a podomorfos no noroeste português, com base na premissa de que o imaginário popular poderá ser útil na sua interpretação. Foi realizado através de consulta documental e trabalho de campo.
Do conjunto de 34 afloramentos inventariados, apenas 9 têm nomes próprios e 8 crenças associadas. A maioria dos topónimos são complexos, integrando-se, simultaneamente, na categoria de geotopónimos, arqueotopónimos e hagiotopónimos. Cinco deles têm crenças populares associadas, ligadas ao cristianismo. Duas outras crenças ligam-se, igualmente, ao cristianismo e uma outra aos mouros.
Considera-se que o sentido do sagrado, inerente a 44% dos topónimos e a 87,5% das crenças, perpetua a importância simbólica destes sítios.

Palavras-chave: *noroeste; podomorfos gravados; topónimos; crenças populares; significados.*

Abstract: *The engraving of motifs on outcrops, regardless of their original meanings, leaves a mark that persists for millennia, which is why populations have attributed toponyms and beliefs to them, in a logic of integrating them in the light of their socio-ideological world.*
This text summarises sites with toponyms and beliefs associated with podomorphs in north-western Portugal based on the premise that popular imagery may be helpful in their interpretation. It was carried out through documentary consultation and fieldwork.
Of the 34 outcrops inventoried, only 9 have proper names, and 8 have associated beliefs. Most of the toponyms are complex, falling simultaneously into the categories of geotoponyms, archaeotoponyms and hagiotoponyms. Five of them have associated popular beliefs linked to Christianity. Two other beliefs are also linked to Christianity and another to the Moors.
It is considered that the sense of the sacred, inherent in 44% of the toponyms and 87.5% of the beliefs, perpetuates the symbolic importance of these sites.

Keywords: *north-west; engraved podomorphs; toponyms; popular beliefs; meanings.*

1. INTRODUÇÃO

A gravação de motivos rupestres em afloramentos rochosos, sejam quais forem os seus significados originais, provoca uma alteração física dos mesmos, que permanece no tempo e no espaço, por vários milénios. Assim sendo, tornam-se marcos distinguíveis e distintivos na paisagem e na memória coletiva das gentes de determinada região.

* Bolseiro de Doutoramento da FCT, no Departamento de História da Universidade do Minho, Braga (Ref. 2020.04732.BD). Email: josemaiamoreira@outlook.com. O autor agradece à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) a bolsa de doutoramento com a referência 2020.04732.BD.
** Departamento de História da Universidade do Minho, Braga; Laboratório de Investigação de Paisagem, Património e Território (Lab2PT). Email: anabett@uaum.uminho.pt.

As gravuras rupestres, interpretadas como sendo representações de pés humanos ou de sandálias e designadas por podomorfos, são uma realidade bem presente no noroeste de Portugal. Trata-se de motivos que podem assumir várias dimensões, várias tipologias (descalços e calçados com sola ou tacão) e várias orientações. Quanto às técnicas empregadas na execução destas figuras, foi usado o baixo-relevo (por percussão, seguida de abrasão) e a linha de contorno realizada, também, por percussão[1]. Cronologicamente, os podomorfos são alvo de várias discussões, sendo atribuídos a diferentes períodos, desde o Neolítico a períodos históricos[2]. No entanto, parece ser mais consensual o seu enquadramento na Idade do Bronze e na Idade do Ferro, tanto em Portugal como no exterior[3].

Em Portugal, as primeiras menções a pegadas gravadas em rochas partem de autores como J. L. de Vasconcellos, F. M. Sarmento e A. P. Leal, no final do século XIX, estendendo-se pelos inícios do século XX[4]. Não obstante, o primeiro estudo de sistematização, analítico e interpretativo, sobre os podomorfos, é apenas publicado no último quartel do século XX[5]. Desde aí, até à atualidade, várias têm sido as publicações que abordam este fenómeno[6]. Internacionalmente, o cenário é idêntico, com especial realce para os podomorfos escandinavos, alpinos (Itália) e espanhóis[7].

Olhando à inata necessidade humana de atribuir um sentido ao desconhecido, neste caso, aos «sinais» marcados nas rochas, as populações rurais atribuíram topónimos e lendas a alguns destes sítios ou gravuras, dotando-os de significados e significância, em conformidade com o mundo socioideológico em que se integram.

Tendo por base estas considerações, os objetivos deste texto são os de apresentar uma síntese sobre os topónimos, lendas e mitos associados aos locais gravados com podomorfos, no noroeste de Portugal. A finalidade desta revisão é, também, a de perceber a relação entre estes lugares e as memórias populares. Tendo como base a premissa de que o imaginário popular poderá ser útil na interpretação da iconografia estudada, procura-se, também, abrir novos entendimentos para este fenómeno rupestre.

---

[1] MOREIRA, 2018.

[2] GOMES, MONTEIRO, 1974-1977; GOMES, 2010; BERMEJO BARRERA, ROMANÍ MARTÍNEZ, 2014; RIBEIRO, 2014; SCHAAFSMA, 2015; FALCHI, PODESTÁ, 2015; ARCÀ, 2015.

[3] GOMES, MONTEIRO, 1974-1977; MOLINA GARCÍA, 1989-1990; GARCÍA QUINTELA, SANTOS-ESTÉVEZ, 2000; SANTOS-ESTÉVEZ, GARCÍA QUINTELA, 2000; GOMES, 2010; BERTILSSON, 2013, 2014; MOREIRA, 2018; SKOGLUND, NIMURA, BRADLEY, 2017.

[4] VASCONCELLOS, 1882, 1897, 1902-1903; SARMENTO, 1884, 1933, 1999; LEAL, 1886.

[5] GOMES, MONTEIRO, 1974-1977.

[6] Pode-se destacar GOMES, 2010; RIBEIRO, JOAQUINITO, PEREIRA, 2012; RIBEIRO, 2014 e MOREIRA, 2018, existindo, porém, outros trabalhos dignos de menção.

[7] ALMGREN, 1926-1927; LHOTE, 1961, 1975; ALMGREN, 1962; MOLINA GARCÍA, 1989-1990; ANATI, 1993; BENITO DEL REY, GRANDE DEL BRÍO, 1994, 2000; GARCÍA QUINTELA, SANTOS-ESTÉVEZ, 2000; SANTOS-ESTÉVEZ, GARCÍA QUINTELA, 2000; BARTILSSON, 2014; ACHRATI, 2015; ARCÀ, 2015; BEN NASR, 2015; NIMURA, 2015; SKOGLUND, NIMURA, BRADLEY, 2017, entre outros exemplos.

Metodologicamente, o trabalho assentou, primeiramente, na leitura e análise bibliográficas sobre o tema, com especial incidência na definição conceitual de topónimo, lenda e mito e da sua relevância científica. Posteriormente, foi elaborado o inventário toponímico e de tradições orais associadas a lugares com podomorfos do noroeste português, com base na consulta bibliográfica no Arquivo Português de Lendas (APL)[8] e na inquirição livre da população residente nas proximidades das gravuras. Sempre que possível, procurou-se abordar várias pessoas sobre o mesmo sítio, por forma a poder efetuar-se o cruzamento da informação e perceber os relatos mais constantes da história e os seus desvios. Os inquéritos não obedeceram a um questionário formalizado, sendo apenas perguntado aos inquiridos o nome do lugar e o motivo pelo qual se chamava desse modo. A população inquirida foi, preferencialmente, a mais idosa dos lugares (com mais de 50 anos).

Os dados foram trabalhados de forma comparativa e relacional. Para tal, foram criadas tabelas para facilitar a análise da informação.

2. TOPONÍMIA E CRENÇAS POPULARES

2.1. Topónimo

O termo «topónimo» advém das palavras gregas *tópos* (lugar) e *ónyma* (nome)[9], ou seja, significa «nome de lugar». Considera-se topónimo um nome dado a uma cidade, rua, curso de água, afloramento rochoso ou qualquer outro elemento paisagístico e geográfico.

A toponímia começa por ser estudada no final do século XIX, em França, por Auguste Longon, que, já no século XX, vê o seu trabalho ser continuado por Albert Dauzat[10]. Se, no início, é compreendida, somente, como o «estudo da origem e do significado etimológico dos nomes de lugares», com o desenrolar do tempo percebe-se que a amplitude de saberes científicos era muito maior[11]. Além da origem, etimologia e estrutura formal dos topónimos, também a história e a cultura de determinada região, «os aspetos físicos e geográficos, as pretensões, os sentimentos e os valores do denominador» devem ser tidos em conta no âmbito de estudos toponímicos[12]. Trata-se, ainda, de um testemunho e arquivo de ideias, memórias e vivências, com grande conexão histórica[13].

A ação de atribuir um nome a um lugar ou a algum elemento paisagístico é, por si só, um reflexo e prova da importância que lhe é atribuída, como marco territorial, tornando-se esse topónimo num testemunho linguístico, sociocultural e recetáculo de

[8] *Vd.* «Arquivo Português de Lendas». Disponível em <https://lendarium.org>.
[9] *Vd.* «Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa». Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>.
[10] DICK, 1990.
[11] VELASCO, TAVARES, 2017: 18.
[12] VELASCO, TAVARES, 2017: 18.
[13] DICK, 1996: 12; FAGGION, MISTURINI, DAL PIZZOL, 2013: 14.

memórias coletivas das gentes locais. Segundo Fiti[14], o ato de atribuição de nomes relaciona-se com a necessidade que as comunidades humanas têm de planeamento e orientação. Na mesma senda, para Faggion e Misturini[15] «a localização espacial é inerente à vida humana. Saber onde se está, ou aonde se quer chegar, ou de onde se partiu, é, muitas vezes, um conhecimento importante, não raras vezes essencial à própria sobrevivência». Não obstante o topónimo ter uma função referencial, «o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem atravessando gerações»[16]. Porém, o topónimo mantém-se, apesar da «ausência do motivo determinante ou concorrente de sua formação»[17].

«O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico-político e cultural da comunidade. Ao contrário, reflete e refrata de perto a própria essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo»[18]. Liga-se, intrinsecamente, com a memória coletiva de determinada população e com a sua consciência do passado[19]. Trata-se, assim, de um «verdadeiro fóssil linguístico»[20].

A toponímia é, assim, uma disciplina multidisciplinar, que se auxilia de tantas outras, por forma a alcançar os seus objetivos — o estudo, compreensão e registo do maior número possível de informações relevantes, contidas nos topónimos. Desta forma, costuma dividir-se em subgrupos, como, por exemplo, antropotoponímia, arqueotoponímia, etnotoponímia, fitotoponímia, geotoponímia, hagiotoponímia, litotoponímia e zootoponímia, segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (GEPB).

A toponímia também fornece dados que podem contribuir para os estudos das diferentes disciplinas científicas em que se apoia (antropologia, arqueologia, história, geografia, cartografia, botânica, zoologia, entre outras)[21]. A título de exemplo, é frequente analisar-se fontes históricas por forma a perceber-se topónimos geográficos. O mesmo acontece em áreas onde se registam padrões toponímicos que aludem a elementos da fauna e da flora que já não existem. O mesmo se aplica a topónimos que exprimem sentimentos ou ações, que poderão ser indicadores da forma de pensar ou agir das populações locais em determinada época[22].

[14] FITI, 2020: 5.
[15] FAGGION, MISTURINI, 2014: 143.
[16] SEABRA, 2006: 1956.
[17] DICK, 1990: 42.
[18] ANDRADE, 2010: 213.
[19] FAGGION, MISTURINI, 2014: 146.
[20] DICK, 1990: 42.
[21] DICK, 1990: 11, 19; CARVALHINHOS, 2003: 172-173; ANDRADE, 2012: 205-206; FAGGION, MISTURINI, 2014: 143; VELASCO, TAVARES, 2017: 18.
[22] VELASCO, TAVARES, 2017: 19.

Assim sendo,

> *os topônimos são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo. Ditos ou escritos, os topônimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos*[23].

As comunidades, em cada geração, absorvem, conservam, modificam e ampliam saberes e valores dos seus precedentes, enriquecendo esse acervo e transmitindo-o aos vindouros, quer pela toponímia quer por outras formas de tradição oral, como as lendas e mitos. Desta forma, «as sociedades dão continuidade às experiências dos antepassados aumentando, a cada ciclo, a herança cultural da humanidade»[24].

2.2. Lenda

> *As lendas consideradas de tradição popular destacam-se, em primeiro lugar, pelo facto de serem de criação oral, colectiva — anónimas, portanto —, e de serem sempre localizadas. E, sobretudo, por reflectirem um mergulho num tempo perdido e muito antigo.*
>
> *A sua oralidade é visível, ainda nos nossos dias, nas recolhas que se fazem, e os seus contadores afirmam-nas como histórias transmitidas pelos seus próprios avós e os avós dos seus avós* [Cfr. Oliveira, 1994]. *Por tudo isso, têm um carácter fragmentário, apesar de muitas vezes «a apresentação escrita de uma lenda costuma*[r] *estruturá-las, dar-lhes um fio e contribui*[r] *para dar a aparência de que as lendas são discursos completos»* [Velasco, 1989]. *Na maioria das vezes, chegam a ter a forma do que podemos chamar «rumores»: diz-se que além, naquela gruta… naquela rocha… naquela fonte… há um tesouro… está uma moura encantada… apareceu a Senhora… etc. Ou, ainda, de uma possível historieta — por certo, já perdida — resta apenas o nome do lugar, como boca da serpe… poço ou cova da moura… cama do gigante… etc., nomeação essa que, por si só, reflecte a importância desse sítio específico para as gentes da terra*[25].

Uma lenda é, então, uma «narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética»[26]. Ou, ainda, um

[23] FAGGION, DAL CORNO, FROSI, 2008: 278.
[24] KLACEWICZ, 2009: 9.
[25] MORAIS, FRAZÃO, 2009: 6-7.
[26] PEREIRA, 2001: 8.

episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. […] [Conserva] *as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade.* […] *Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função de confronto*[27].

[…] *É correntemente aceite que se trata de um relato transmitido por tradição oral de factos ou acontecimentos encarados como tendo um fundo de verdade, pelo que são objecto de crença pelas comunidades a que respeitam. É «uma história não atestada pela História»* [Jolles, 1976: 60]. *Está localizada numa área geográfica ou numa determinada época, embora os factos históricos «apareçam transfigurados pela imaginação popular»* [Reis e Lopes, 1990: 216].

Não raramente, a existência de uma lenda é uma consequência da fragilidade da história, ou dos documentos que a fundamentam. Por isso, muitas vezes nasce num espaço nebuloso da história, procurando complementá-la, ou justificá-la, num quadro de representações do imaginário[28].

Já Casinha Nova[29] considera que uma lenda é

todo e qualquer relato de aparição *de uma entidade mítica ou religiosa, ou de qualquer efeito considerado sobrenatural (inclusivamente, um* desaparecimento *inexplicável e, de alguma forma, relacionado com alguma entidade), causado por uma* aparição*, ou atribuído a uma pessoa ou a um objecto (por exemplo, um* milagre*), que apresente uma estrutura narrativa completa, e* episódio lendário*, aos* vestígios *de histórias, a que Ataíde Oliveira chamou* encantamentos *e Fernanda Frazão e Gabriela Morais chamaram* rumores e cacos de história *(que apresentam, naturalmente, as mesmas características de relação com entidades sobrenaturais).*

Segundo Bayard[30], a palavra *lenda* vem do latim *legenda*, que significa *o que deve ser lido.* «No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires […] Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se»[31]. Incorporadas nas tradições, as lendas tornaram-se no resultado do «inconsciente da imaginação popular», sendo as pretensões de determinada população expostas por meio de um

[27] CASCUDO, 1976: 378.
[28] PARAFITA, 2006: 61 *apud* CASINHA NOVA, 2013: 31.
[29] CASINHA NOVA, 2013: 31-32.
[30] BAYARD, 2002: 10.
[31] BAYARD, 2002: 10.

herói, que, porém, se sujeita a dados históricos. O seu comportamento segue uma linha orientadora, tendo por objetivo encaminhar outros indivíduos para esta[32].

> *Estas histórias tradicionais, cuja origem se perde no fundo dos tempos, são também um vestígio, ou uma deriva dos mitos, as formas primitivas de representação do mundo, afinal eles próprios «adaptaciones, evoluciones o interpretaciones de fenómenos o manifestaciones de la naturaleza»* [Ballester, 2006][33].

2.3. Mito

Um mito — palavra advinda do grego *mytho*, que significa relato ou fábula — corresponde a uma

> *narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Narrativas de significação simbólica, geralmente ligada à Cosmogonia e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e (ou) de aspectos da condição humana. Representação dos fatos ou personagens reais, exageradas pela imaginação popular, pela tradição*[34].

Para Bayard[35] «é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tornam-se divinos; a ação é então sobrenatural e irracional». Para Eliade[36] «conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". […] Narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir».

Os mitos são alegorias que as populações do passado utilizaram para «perpetuarem verdades e conhecimentos; expressar conceitos morais, filosóficos e religiosos; justificar princípios; servir de referência histórica e geográfica, etc.»[37]. Têm na sua génese — e incluídos em si — factos verídicos, mas que com o passar do tempo, devido à tradição oral, foram sendo modificados e abrilhantados pelos diferentes narradores, consoante a sua originalidade e imaginação, até restar apenas «uma "imagem" da verdade, refletida num espelho embaciado»[38].

Mas, também, podem ser um símbolo.

> *Símbolo é, pois, sinal, isto é, uma realidade que, conhecida, leva ao conhecimento de outra. Símbolo distingue-se de alegoria por ser, também, à raiz, um sinal natural,*

[32] BAYARD, 2002: 10.
[33] MORAIS, FRAZÃO, 2019: 9.
[34] PEREIRA, 2001: 8
[35] BAYARD, 2002: 11.
[36] ELIADE, 1972: 9.
[37] PEREIRA, 2001: 18.
[38] PEREIRA, 2001: 18.

> *ao passo que alegoria é, só, sinal artificial. Sinal natural, o símbolo é a reunião de significante e significado, de maneira indissolúvel e insubstituível, num objecto concreto, no e através do qual traduz uma realidade. Por isso, enquanto a alegoria, mais do que descobrir, impõe um sentido, o símbolo, mais do que impor, descobre um sentido*[39].

Os mitos, enquanto símbolos, contêm uma mensagem ou informação apenas decifrável por alguns, conhecedores do seu significado, tenham eles um caráter universal, mais global, ou apenas regional. «Porém, todos são expressões da necessidade humana de registar e transmitir uma descoberta, um conhecimento ou uma lição»[40]. O mito serve de elemento consolidador do grupo do qual resulta, servindo de base religiosa e respondendo à necessidade dos seus interlocutores de conhecer e compreender o mundo ao seu redor, servindo, assim, como linha condutora de uma certa disciplina social[41].

> *As histórias de carácter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação «fantasiosa» da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única — não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente*[42].

Fazer a diferenciação entre lendas e mitos é, muitas vezes, uma tarefa intrincada e difícil, sendo dois conceitos que se relacionam, interlaçam e confundem. De forma simplificada,

> *o conteúdo da lenda seria o real e do mito o sobrenatural; a lenda tem a História e a Geografia como aspectos, enquanto o mito tem a Religião e a Magia; e como personagens a primeira forma de narrativa tem seres humanos e a segunda, deuses, semideuses e heróis divinizados*[43].

Casinha Nova[44], opta por mesclar os dois conceitos, utilizando o termo *lenda mítica* para se referir a «toda e qualquer história onde exista a presença, mais ou menos evidente, daquilo a que todos, unanimemente, de uma forma ou de outra, consideramos o sobrenatural, mas com origem num *mito*, para distinção do sobrenatural associado à religião (católica)».

---

[39] ANTUNES, 2008 [1970]: 64-69 *apud* CASINHA NOVA, 2013: 24.
[40] PEREIRA, 2001: 11.
[41] SAGRERA, 1967.
[42] LÉVI-STRAUSS, 1978: 22.
[43] WEITZEL *apud* KLACEWICZ, 2009: 13.
[44] CASINHA NOVA, 2013: 33.

3. ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo subjacente a este trabalho corresponde ao noroeste de Portugal. Este encontra-se limitado a norte pelo rio Minho, que faz fronteira com Espanha, a sul pelo rio Douro, a este pelo rio Tâmega e, a oeste, pelo oceano Atlântico.

Em termos geomorfológicos, carateriza-se por ser uma das áreas com relevos que diminuem de altitude à medida que se aproximam do litoral[45]. Para nascente, ficam as serras do Alvão e Marão, formando uma espécie de «muralha acidentada» que isola eficientemente o litoral do interior trasmontano, podendo atingir altitudes superiores a 1400 m[46]. Os vales dos principais rios (Minho, Lima, Cávado e Ave) são abertos, nos cursos inferiores e médios, possibilitando, em termos climáticos, a forte influência do oceano Atlântico. A pluviosidade é regular e o clima húmido. É caraterístico o nevoeiro pela manhã e pela noite, mesmo no verão, sendo as temperaturas moderadas e as amplitudes térmicas baixas e pouco oscilantes. Nos locais do interior, de altitudes mais acentuadas, o verão é fresco e o inverno rigoroso. Nas localizações de altitudes médias, o verão é mais quente e o inverno um pouco menos frio, enquanto a altitudes mais baixas, o verão é menos quente e o inverno mais ameno[47]. Geologicamente, a região é composta, essencialmente, por granitos (granitoides hercínicos), ocorrendo, também, xistos, mármores, filites, micaxistos e quartzitos[48].

O noroeste de Portugal é rico em recursos mineiros metálicos, sendo esse facto já referido por Estrabão[49]. Evidenciam-se o estanho, o tungsténio (volfrâmio), o ferro, o ouro, a prata, o cobre e o quartzo[50].

4. ESTUDO DA TOPONÍMIA E DAS CRENÇAS POPULARES ASSOCIADAS A AFLORAMENTOS GRAVADOS COM PODOMORFOS

4.1. Toponímia

Na região supramencionada foram inventariados 34 afloramentos, com podomorfos descalços e calçados, distribuídos por 30 lugares distintos[51] (Fig. 1).

[45] RIBEIRO, LAUTENSACH, DAVEAU, 1987.
[46] RIBEIRO, LAUTENSACH, DAVEAU, 1987.
[47] RIBEIRO, LAUTENSACH, DAVEAU, 1988: 365.
[48] RIBEIRO, LAUTENSACH, DAVEAU, 1987: 8, 137; SAMPAIO, 2005: 18.
[49] CARDOSO, 1994: 68.
[50] FILIPE *et al.*, 2010: 20-21, 34-35.
[51] MOREIRA, 2018; MOREIRA, BETTENCOURT, 2019.

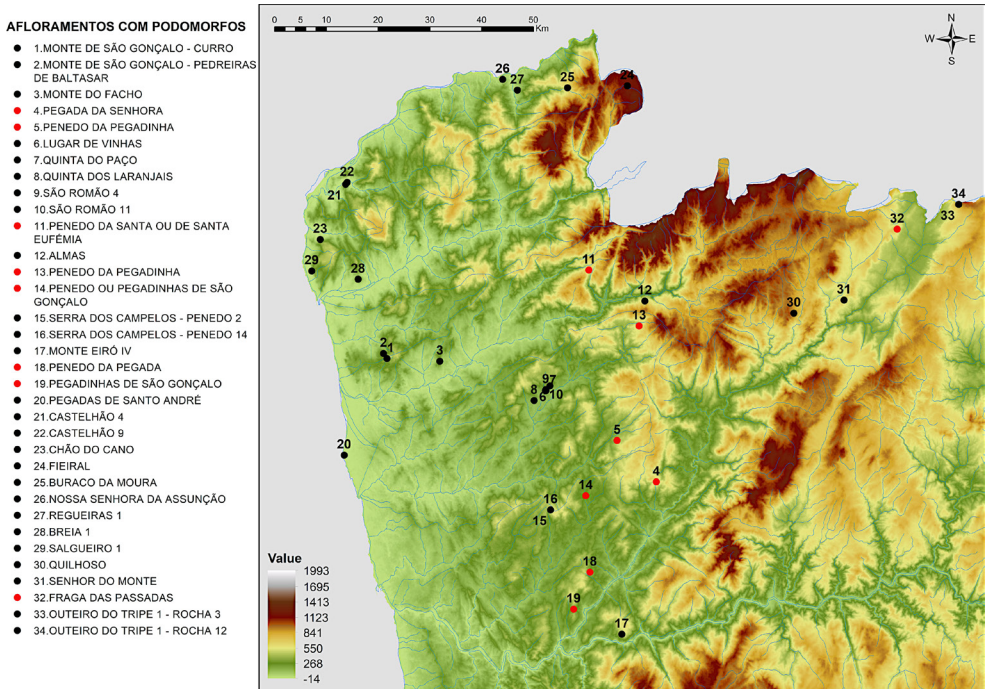

Fig. 1. Mapa dos afloramentos com podomorfos do noroeste de Portugal — os afloramentos com topónimo estão assinalados a vermelho

Deste acervo, apenas 9 afloramentos gravados têm nomes próprios, o que corresponde a 26% da amostra. São eles: Pegada da Senhora, em Celorico de Bastos; Penedo da Orca, em Guimarães; Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho; Penedo da Pegadinha, em Fafe; Penedo de Santa Eufémia, em Terras do Bouro; Pegadinhas de São Gonçalo, em Penafiel; Penedo da Pegada, em Marco de Canaveses; Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo, em Felgueiras e Fraga das Passadas, em Chaves (Tabela 1).

No noroeste existem, ainda, 10 topónimos associados à temática do pé[52], porém ligados a lugares sem podomorfos, como foi possível verificar em trabalho recente[53]. De uma forma geral, trata-se de afloramentos gravados com covinhas e sulcos. São eles: Pegada de Jesus, em Cabeceiras de Basto; Penedo da Pegadinha e Penedo dos Mouros ou Montim, em Fafe; Penedo da Santa, em Guimarães; Pegadinhas de São Gonçalo ou de Cristo e Penedo ou Penedinho de São Gonçalo, em Vizela; Penedo da Moira e Penedo das Pegadas, em Felgueiras; Pegadinhas de São Tiago, em Monção e Pegada do Mezieiro, em Viana do Castelo[54].

[52] LEAL, 2006c [1873]; SARMENTO, 1884, 1999; VASCONCELLOS, 1897, 1902-1903; PAÇO, 1942; COIMBRA, 1997; ABREU, 2012a, 2012b; CARDOSO, 2015; MOREIRA, 2018.
[53] MOREIRA, 2018.
[54] MOREIRA, 2018: 103-110, 112-116, 142-145, 182-183, 189.

Tabela 1. Topónimos de afloramentos com podomorfos

Topónimo	Distrito	Concelho	Subgrupo toponímico
Pegada da Senhora	Braga	Celorico de Bastos	Arqueotopónimo / Hagiotopónimo
Penedo da Orca	Braga	Guimarães	Geotopónimo / Indeterminado
Penedo da Pegadinha	Braga	Vieira do Minho	Geotopónimo / Arqueotopónimo
Penedo da Pegadinha	Braga	Fafe	Geotopónimo / Arqueotopónimo
Penedo da Santa ou de Santa Eufémia	Braga	Terras do Bouro	Geotopónimo / Hagiotopónimo
Pegadinhas de São Gonçalo	Porto	Penafiel	Arqueotopónimo / Hagiotopónimo
Penedo da Pegada	Porto	Marco de Canaveses	Geotopónimo / Arqueotopónimo
Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo	Porto	Felgueiras	Geotopónimo / Arqueotopónimo / Hagiotopónimo
Fraga das Passadas	Vila Real	Chaves	Geotopónimo / Arqueotopónimo

A observação deste quadro indica-nos, desde logo, a variedade de topónimos associados a estes lugares gravados, sendo frequente que o seu nome seja complexo e transmita informações de diversa natureza.

Em primeiro lugar, regista-se o facto de 7 (78%) se inserirem na geotoponímia e se referirem ao tipo de superfície onde as gravuras se encontram, como são exemplos os topónimos Penedo (registado 6 vezes) e Fraga (1 vez). Sete (78%) agrupam-se na categoria da arqueotoponímia e relacionam-se com a tipologia e dimensões dos motivos gravados, ou seja, o podomorfo, que, na linguagem popular, assume a designação de pegada (2 casos), pegadinha(s) (4 casos) ou passadas (1 caso). Quatro (44%) atribuem a origem destes motivos a entidades cristãs, através de hagiotopónimos, como a Virgem Maria (aqui referida como a Senhora) e santos e santas, como São Gonçalo (que aparece 2 vezes) e Santa Eufémia (que aparece 1 vez).

O topónimo Penedo da Orca sai fora do padrão, tanto podendo ser um arqueotopónimo como um zootopónimo. Na designação popular, Orca encontra-se muitas vezes associado aos monumentos megalíticos funerários nas regiões da Beira Alta e da Beira Baixa[55], podendo significar, igualmente, «vasilha de barro, do feitio da ânfora, mas mais pequena» ou um cetáceo da família dos Delfinídeos[56], pelo que o seu significado levanta algumas questões. Como o Penedo da Orca fica em Guimarães, ou seja, num local interior e rural, parece pouco provável a hipótese de que o afloramento — hoje destruído[57] — fosse associado a um cetáceo. Também não é comum, nesta região, a designação de Orca

[55] VASCONCELLOS, 1897: I, 253, 258.
[56] MACHADO, 1991: IV, 436.
[57] SARMENTO, 1933: 279.

associada a monumentos megalíticos. Assim, estará este topónimo relacionado com um afloramento que ficaria nas imediações de um local onde se teriam encontrado vasilhas de barro? Só a continuação de trabalhos de campo, nesta área, poderá confirmar ou não esta questão.

4.2. Crenças populares

Oito afloramentos gravados com podomorfos, ou seja, 24% do conjunto de 34, estão associados a crenças populares. Sete assentam em temáticas cristãs. São eles: Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho; Penedo da Pegadinha, em Fafe; Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, em Terras do Bouro; Pegadas de Santo André[58], na Póvoa de Varzim; Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo, em Felgueiras; Fraga das Passadas, em Chaves e Senhor do Monte, em Boticas. Uma das crenças relaciona as gravuras com os «mouros». Trata-se do Buraco da Moura, em Melgaço (Tabela 2).

No noroeste existem, ainda, outros 3 afloramentos com crenças associadas à temática do pé[59], porém ligados a lugares sem podomorfos gravados, conforme trabalho desenvolvido recentemente[60]. São eles: Fonte de São Pedro de Rates, na Póvoa de Varzim; Pegadinhas de São Tiago, em Monção e Monte de Roques, em Viana do Castelo[61].

A análise da Tabela 2 revela 4 distintos grupos de crenças populares, sendo elas relacionadas com: entidades gravadoras (bíblicas ou históricas), partes anatómicas gravadas, objetos gravados e poderes mágico-religiosos do afloramento.

As crenças dão uma explicação para a entidade gravadora em todos os 8 casos inventariados. Nestes, percebe-se um padrão recorrente, existindo 7 casos (87,5%) em que as entidades gravadoras são de origem bíblica, como a Senhora, o Menino Jesus, santos, uma santa e o judeu. São eles: Penedo da Pegadinha (Senhora); Penedo da Pegadinha (Senhora e Menino Jesus); Penedo da Santa ou de Santa Eufémia (Santa); Pegadas de Santo André (Santo); Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo (Santo); Fraga das Passadas (Senhora, Menino Jesus e Judeu) e Senhor do Monte (Santo). Num caso a entidade gravadora foi uma «moura» (Buraco da Moura).

Em 7 casos (87,5%) as crenças explicam as partes anatómicas gravadas, sendo estas pés e joelhos (de entidades bíblicas e da Moura) e patas ou ferraduras de animais (do burrinho de Nossa Senhora e dos equídeos do Menino Jesus e do Judeu). Os exemplos são: Penedo da Pegadinha (pés e patas); Penedo da Pegadinha (pés); Penedo da Santa ou de Santa Eufémia (pés e joelhos); Pegadas de Santo André (pés); Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo (pés); Fraga das Passadas (pés, patas e ferraduras) e Buraco da Moura (pé).

[58] Topónimo atribuído pelo autor, dada a proximidade da Capela de Santo André (MOREIRA, 2018: 138-141).
[59] LEAL, 2006a [1873]; VASCONCELLOS, 1902-1903; CUNHA, 1945; NUNES, 1979; SILVA, 1986; ALMEIDA, 1990; SARMENTO, 1999; VIANA, 2002.
[60] MOREIRA, 2018.
[61] MOREIRA, 2018: 149-150, 182-183, 184-189.

Tabela 2. Crenças populares *versus* afloramentos com podomorfos

Topónimo	Distrito	Concelho	Grupos de crenças populares
Penedo da Pegadinha	Braga	Vieira do Minho	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Penedo da Pegadinha	Braga	Fafe	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Penedo da Santa ou de Santa Eufémia	Braga	Terras do Bouro	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Pegadas de Santo André (topónimo atribuído pelo autor)	Porto	Póvoa de Varzim	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo	Porto	Felgueiras	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas / Objetos gravados
Buraco da Moura (topónimo do lugar)	Viana do Castelo	Melgaço	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Fraga das Passadas	Vila Real	Chaves	Entidades gravadoras / Partes anatómicas gravadas
Senhor do Monte	Vila Real	Boticas	Entidades gravadoras / Poderes mágico--religiosos

Quanto aos objetos gravados, estes são referidos unicamente na crença popular associada ao Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo, que se refere à aba do chapéu do santo e à sua bengala. Trata-se de uma forma de interpretação simples de outras gravuras, além dos podomorfos, à luz da ideologia popular da época.

Os poderes mágico-religiosos do afloramento são apenas referidos uma vez e associados às pegadas existentes no Senhor do Monte, em Boticas.

4.2.1. Inventário das crenças populares

Sobre o Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho, a crença foi recolhida pelo autor deste trabalho. É a seguinte: «A população local atribui as pegadas e covinhas à passagem da Nossa Senhora e da sua "burrinha", respetivamente, pelo Penedo da Pegadinha. As marcas de seus pés e patas ficaram impressas na rocha»[62].

Em relação ao Penedo da Pegadinha, em Fafe, segundo se percebe do relato de Martins Sarmento[63], existiria a crença de que as pegadas eram do Menino (Jesus) e da Senhora de Antime.

Quanto ao Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, em Terras do Bouro, segundo Pinho Leal[64], a propósito de «Covíde», pode ler-se:

[62] MOREIRA, 2018: 102.
[63] SARMENTO, 1999: 87.
[64] APL 1534; LEAL, 2006b [1873]: 431.

A pequena distancia a E. de Covide, está a capella de Santa Eufemia, e junto a ella um penedinho de fórma espheroidal, para o qual se sobe por alguns degraus de cantaria e dominado por uma pequena cruz de granito. Chama-se Penedo da Santa, ou Penedo de Santa Eufemia. N'elle se vêem vestígios de muitas pégadas de um pé delicado. É tradição que fugindo Santa Eufemia á perseguição de seu pae, governador romano de Braga, vagára por estas serras e que fazendo oração sobre este penedo, ahi deixou gravados os signaes de seus pés.

O mesmo autor[65], a propósito do «Gerez», mas tratando-se do mesmo sítio, refere:

Na Veiga de Santa Eufemia, está um grande penedo (chamado da Santa) em que se veem impressos, signaes de joelhos e pés, pequenos. É tradição que foram feitos por Santa Eufemia, quando aqui orou prompta a padecer pela fé de Jesus Christo. (Andava fugida á perseguição de seu pae, que era idolatra, e governador romano de Braga).

Sobre o Pegadas de Santo André**,** na Póvoa de Varzim, diz Sarmento[66] que: «Outro homem mostrou-me, para o lado do mar uma capela de Santo André, onde se viam as pegadas do Santo num penedo».

No que diz respeito ao Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo**,** em Felgueiras, Armando Pinto[67] diz:

Não se sabe se o caso estará relacionado com ancestral ocupação. Será, contudo, réstia de antiga característica local, ainda que indefinida. Por mor das dúvidas, o povo desde longos tempos que conta história a explicar o facto, em molde imaginário popular. São Gonçalo (resumindo o que explanamos na referida publicação — depois de peripécias de ocorrência em que perdeu sua igreja, ou seja, lugar de pároco, andou como pregador até que resolveu fixar-se num sítio, decidindo então efectuar a edificação de um templo, pelo que) começou a planear a construção, estudando local apropriado. Foi assim que ao passar nesta região, verificando as penedias da zona, esteve naquele penedo. Mas como a pedra existente ali e nos arredores era pouca para o que pretendia, em vista a construção de proporções dignas de uma antiga abadia, desistiu da ideia e acabou por, mais longe, construir o mosteiro de Amarante. Dos projectos aludidos terão então resultado as marcas que ficaram esculpidas naquela pedra mediana, contendo diversas gravuras de relevo profundo, ouvindo-se na tradição popular que essas mesmas marcas, que ali ficaram gravadas,

[65] APL 2748; LEAL, 2006c [1873]: 275.
[66] SARMENTO, 1999: 255.
[67] PINTO, 1998.

eram as suas próprias pegadas e as marcas da aba do chapéu, bem como da sua bengala que havia caído ali, lançada de longe pelo santo. Como parece que não gostou, aí foi ele rumo a Amarante, em demanda do local para onde havia de seguida atirado a mesma bengala, tendo então escolhido a terra em que ela caíra, onde pelos seus desígnios Deus demonstrou Sua vontade… Ficaram, contudo, na referida pedra vestígios da sua estada no local, segundo a tradição.

A crença recolhida por um dos autores deste texto (JM), junto da população local, diz:

Conta a lenda que São Gonçalo, vindo de Vizela, ao chegar a Varziela e avistando o pequeno curso de água a que a população chama de Sousa (ribeiro de Longra), atirou a sua bengala para este, tendo o utensílio ido parar a Amarante, de onde é hoje o santo padroeiro[68].

Quanto ao Buraco da Moura**,** o povo de Cubalhão[69] conta, referindo-se ao afloramento que fica «à entrada» do abrigo, que «a moura ao entrar no seu buraco torceu o pé, ficando o mesmo, para sempre, gravado na rocha»[70].

Já quanto à Fraga das Passadas**,** em Chaves,

segundo a população local, as pegadas de maiores dimensões são atribuídas ao judeu errante, que perseguia o Menino Jesus. A este último, atribuem-se as pegadas de menores dimensões. Dizem, ainda, que os equídeos que acompanhavam estas duas figuras mitológicas, tinham as ferraduras viradas ao contrário, e que estas são as que estão impressas na Fraga das Passadas[71].

«Uma outra lenda, contada pela população local, relacionada com este afloramento, é a de que estas pegadas se relacionam com a fuga da Nossa Senhora para o Egito, na tentativa de escapar a Heródes»[72].

Por fim, referente às gravuras do Senhor do Monte**,** sabe-se que «a tradição local confere poderes milagreiros a estas pegadas por altura da festa, e estas gravuras estão fortemente associadas ao santuário, sendo possível que lhe estejam na origem»[73]. Informação confirmada pelo autor, junto da população local[74].

[68] MOREIRA, 2018: 230.
[69] União de Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão.
[70] MOREIRA, 2018: 165.
[71] MOREIRA, 2018: 202.
[72] MOREIRA, 2018: 202.
[73] REIS, 2004.
[74] MOREIRA, 2018: 198.

Além desta crença, diz-se que

> *segundo a lenda, apareceu nesse sítio, em cima de um monte de pedras onde ainda hoje se podem ver as pegadas, o Senhor do Monte. As gentes da terra pegaram no Santo e levaram-no para a Igreja de Pinho, mas o Santo teimava em aparecer no mesmo lugar. Até que as pessoas se renderam à sua vontade e construíram uma capelinha junto ao lugar onde ele apareceu e no monte de pedras colocaram uma cruz. Com o passar do tempo o dinheiro das esmolas foi sendo cada vez mais. Tal fama de protector conquistou, que construíram uma igreja em pedra*[75].

Apenas 3 crenças apresentam uma narrativa mais elaborada, sendo elas as do Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, a do Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo e a do Senhor do Monte. Todas as outras são muito simples e explanadas em poucas frases. Tal poderá dever-se à não conservação dos saberes antigos por parte das novas gerações, a partir de determinada altura. É curioso que a crença associada à Fraga das Passadas (que contém, pelo menos, 99 podomorfos, entre outros motivos gravados) se refira apenas a alguns deles, como os de maiores dimensões (dimensões extraordinárias) atribuídas ao Judeu Errante e a algumas de menores dimensões, consideradas do Menino Jesus. Será que a crença se foi diluindo e simplificando ao longo dos tempos, tendo chegado aos dias de hoje de uma forma sintetizada? É possível, pelo que será importante fazer novas pesquisas a populares do lugar do Bustelo, nas imediações do sítio gravado, para aprofundar esta questão.

5. DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES

Tendo em conta o baixo número de lugares gravados com podomorfos providos de topónimos (26%), pode considerar-se que poucos deles se mantiveram ativos e significantes no contexto da vida diária das populações rurais. As razões para tal terão que ser investigadas em futuros trabalhos e extensíveis a todo o norte de Portugal, embora os que mantiveram topónimos estejam na proximidade de caminhos e encruzilhadas de caminhos antigos e nas imediações de lugares de habitação.

Relativamente às acessibilidades naturais ou antigas a estes lugares, verifica-se que 8 (89%) são de fácil acesso, sendo 1 indeterminado (Penedo da Orca). Pelo menos 4 estão em cruzamentos de caminhos antigos (Pegada da Senhora, Penedo da Pegadinha, Penedo da Pegada e Pegadinhas de São Gonçalo) e 1 próximo de um caminho antigo (Fraga das Passadas) (Tabela 3).

[75] *Vd.* «Turismo do Porto e Norte de Portugal». Disponível em <http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/festa-do-senhor-do-monte>.

Tabela 3. Acessibilidades e afloramentos com podomorfos providos de topónimo

Topónimo	Distrito	Concelho	Acessibilidades
Pegada da Senhora	Braga	Celorico de Bastos	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Penedo da Orca	Braga	Guimarães	-
Penedo da Pegadinha	Braga	Vieira do Minho	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Penedo da Pegadinha	Braga	Fafe	Fácil acesso
Penedo da Santa ou de Santa Eufémia	Braga	Terras do Bouro	Fácil acesso
Pegadinhas de São Gonçalo	Porto	Penafiel	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Penedo da Pegada	Porto	Marco de Canaveses	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo	Porto	Felgueiras	Fácil acesso
Fraga das Passadas	Vila Real	Chaves	Fácil acesso / caminho antigo

Se a toponímia estuda o nome dos lugares, então é importante referir que, apesar do seu escasso número, as informações prestadas, através da sua análise, são muito variadas e complementares, dado a existência de geotopónimos, arqueotopónimos e hagiotopónimos, em diferentes associações.

Os geotopónimos, além das referências aos tipos de superfícies gravadas, indicam que estes locais correspondem a afloramentos que se destacam por serem «grandes pedras ou pedras muito grandes», sinónimos de Penedos ou Fragas[76], no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*[77]. É, ainda, notória a importância da arqueotoponímia, que carateriza os motivos gravados (pegadas, pegadinhas e passadas) — o elemento mais distintivo destes lugares para as populações. Neste âmbito, é interessante notar o uso do diminutivo para expressar a dimensão reduzida de alguns destes motivos, o que se comprovou com a observação de campo efetuada por Moreira[78]. Assim, nos dois locais com o topónimo Penedo da Pegadinha, existentes em Fafe e em Vieira do Minho[79], individualizaram-se dois podomorfos, sendo um, sempre, de reduzidas dimensões, ou seja, abaixo dos 23 cm de comprimento[80]. Também nas Pegadinhas de São Gonçalo,

[76] Este topónimo pode, ainda, aludir a uma rocha escarpada, o que não é o caso da Fraga das Passadas que, sendo muito grande, é rasante ao solo atual.
[77] MACHADO, *coord*., 1991: III, 139; IV, 636.
[78] MOREIRA, 2018.
[79] MOREIRA, 2018: 67-70, 98-103.
[80] Medida, acima da qual, se consideraram os podomorfos de adultos, segundo vários critérios e autores. Sobre o assunto,

em Penafiel, os dois podomorfos encontrados têm dimensões de não adultos[81]. No Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo, em Felgueiras, dos 59 podomorfos inventariados, 55 são de pequenas dimensões, ou seja, inferiores a 23 cm[82] (Fig. 2).

É curioso verificar que, no conjunto de 9 afloramentos gravados com topónimos associados, estes tanto podem ter poucos podomorfos (1 ou 2), como muitos (na ordem de uma dezena ou mais). Aliás, os lugares com muitos podomorfos têm sempre nome associado. Tal é o caso do Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, em Terras do Bouro; do Penedo de São Gonçalo, em Felgueiras, e da Fraga das Passadas, em Chaves.

Fig. 2. Em cima: Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo, em Felgueiras, onde a maioria dos podomorfos são inferiores a 23 cm de comprimento e, por isso, considerados como de não adultos (painéis 1, 3 e 5). Em baixo: exemplo de pares de podomorfos de diferentes dimensões, notando-se um par de muito pequena dimensão (painel 5) Fonte: MOREIRA, 2018: 221, 229

consultar MOREIRA, 2018: 304-309.

[81] MOREIRA, 2018: 133-137.

[82] MOREIRA, 2018: 117-121, 215-237.

O uso da hagiotoponímia, em 44% dos casos com nome, é significante, revelando que as comunidades rurais, desconhecendo os autores que gravaram os podomorfos, sentiram necessidade de os integrar no seu universo ideológico, pautado pelo cristianismo, nomeadamente pelo catolicismo.

A antiguidade destes topónimos será alvo de trabalho futuro, através da consulta de fontes históricas, embora os cultos a São Gonçalo (de Amarante), que dá nome a dois afloramentos, e a Santa Eufémia, que designa um outro, existam em Portugal desde a Idade Média[83].

No conjunto de afloramentos com podomorfos que foram cristianizados pela toponímia, verifica-se, ainda, o reforço dessa mensagem através de outros motivos gravados, como cruzes e cruzeiros (Fraga das Passadas, em Chaves) e da colocação de uma cruz de granito sobre o mesmo (Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, Terras do Bouro).

Os lugares gravados com crenças populares associadas são, ainda, menos do que aqueles que têm nomes. Estes correspondem, apenas, a 24% do total de casos conhecidos.

Os motivos para tal poderão ser vários: esquecimento dos lugares, relacionado com a perda da sua importância; esquecimento das crenças por parte das gerações mais novas; entre outros.

Tal como para os sítios com nome, as crenças populares tanto se associam a afloramentos gravados com 1 ou 2 podomorfos (Penedos da Pegadinha, em Fafe e Vieira do Minho, e Buraco da Moura), como com muitos (Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo, Fraga das Passadas e, talvez, Senhor do Monte). Existe, ainda, o caso das Pegadas de Santo André, que segundo Sarmento[84] teria 6 ou 7 podomorfos[85].

Os Penedos da Pegadinha, o Penedo da Santa ou de Santa Eufémia, o Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo e a Fraga das Passadas têm, igualmente, nome próprio, o que reforça o grande significado que os afloramentos com muitos podomorfos tiveram na paisagem das comunidades tradicionais.

É possível que os afloramentos gravados associados a crenças se possam relacionar com o facto de estarem próximos de aldeias, inseridos em santuários (Penedo da Santa ou de Santa Eufémia; Senhor do Monte; Penedo da Pegadinha, Fafe[86] e Pegadas de Santo André), e na proximidade de caminhos e encruzilhadas (o que se verifica, pelo menos, em 3 casos). De notar que estes lugares, na sua maioria, são de fácil acesso (7 casos) (Tabela 4).

[83] SILVA, 2012; MOREIRA, 2014.
[84] SARMENTO, 1999: 255.
[85] SARMENTO, 1999: 255.
[86] Local situado relativamente próximo de um santuário em honra da Senhora de Antime.

Tabela 4. Acessibilidades de afloramentos com podomorfos associados a crenças

Topónimo	Distrito	Concelho	Acessibilidades
Penedo da Pegadinha	Braga	Vieira do Minho	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos
Penedo da Pegadinha	Braga	Fafe	Fácil acesso
Penedo da Santa ou de Santa Eufémia	Braga	Terras do Bouro	Fácil acesso
Pegadas de Santo André	Porto	Póvoa de Varzim	Fácil acesso
Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo	Porto	Felgueiras	Fácil acesso
Buraco da Moura	Viana do Castelo	Melgaço	Indeterminado
Fraga das Passadas	Vila Real	Chaves	Fácil acesso / caminho antigo
Senhor do Monte	Vila Real	Boticas	Fácil acesso / cruzamento de caminhos antigos

A temática e as personagens destas 9 lendas sintetizam-se na Tabela 5.

Em termos das temáticas, 6 exprimem movimento através de atos de passagem, perseguição, fuga ou errância e todas elas implicam a importância da marcação do lugar ou do afloramento, através do pé, sendo esta ação milagrosa, no caso do Senhor do Monte.

Quanto aos protagonistas, estes podem subdividir-se em dois grupos: os que se relacionam com personagens relatadas em acontecimentos bíblicos ou santificadas pela religião cristã (5 casos) e os não cristãos (1 caso). No primeiro grupo insere-se: Nossa Senhora (Penedos da Pegadinha, Vieira do Minho e Fafe, e Fraga das Passadas); o Menino Jesus (Penedo da Pegadinha, Fafe, e Fraga das Passadas); santos e santas (Penedo da Santa ou de Santa Eufémia; Pegadas de Santo André; Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo e Senhor do Monte) e o Judeu Errante (Fraga das Passadas). No segundo grupo insere-se a Moura (Buraco da Moura). O facto de, uma vez, não se ter recorrido a um personagem santificado ou bíblico para explicar um podomorfo, poderá, provavelmente, prender-se com dois fatores: a localização do podomorfo «"à entrada" do "buraco", um "[…] "penedo oco" […], de dimensões consideráveis, onde […] existiam 'prateleiras esculpidas' no seu interior […] e uma "cama", igualmente esculpida na rocha»[87] e as caraterísticas deste serem pouco concordantes com o que se conhece dos relatos bíblicos.

[87] MOREIRA, 2018: 165.

Tabela 5. Temáticas e personagens das crenças populares associadas a afloramentos com podomorfos

Topónimo	Temas	Personagens
Penedo da Pegadinha (Vieira do Minho)	Passagem / Marcação do lugar através do pé	Nossa Senhora / Burra
Penedo da Pegadinha (Fafe)	Marcação do lugar através do pé	Senhora de Antime / Menino Jesus
Penedo da Santa ou de Santa Eufémia	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Santa Eufémia
Pegadas de Santo André	Marcação do lugar através do pé	Santo André
Penedo ou Pegadinhas de São Gonçalo	Passagem / Marcação do lugar através do pé	São Gonçalo
Buraco da Moura	Passagem / Marcação do lugar através do pé	Moura
Fraga das Passadas (crença A)	Passagem / Perseguição / Errância / Marcação do lugar através do pé	Judeu Errante / Menino Jesus / Equídeos
Fraga das Passadas (crença B)	Passagem / Fuga / Marcação do lugar através do pé	Nossa Senhora
Senhor do Monte	Marcação do lugar sagrado através do pé	Senhor do Monte

As crenças populares traduzem o «inconsciente da imaginação popular»[88] e podem resultar em explicações de acontecimentos marcantes, muitas vezes hiperbolizados e munidos de um caráter fabuloso que lhes é acrescentado, por forma a vincar e vincular a ideia, acontecimento ou valor moral pretendido. Podem, ainda, servir de alegoria explicativa de determinado acontecimento, ação, objeto, entre outros, que visam dar sentido, à luz dos valores e princípios regentes à época, a algo que é desconhecido e carece de explicação, por parte de determinada população.

Tendo por base estas premissas, verifica-se que as personagens destas crenças se inserem quer dentro do paradigma religioso maioritário das populações rurais do noroeste de Portugal (o cristianismo, na forma do catolicismo), quer, ainda que de forma deturpada e enviesada, no âmbito de acontecimentos tão marcantes como a Reconquista da Península aos muçulmanos ou mouros, sobre os quais as populações rurais do norte tinham pouco conhecimento, atribuindo-lhes, por vezes, poderes mágicos ou diabólicos[89].

A grande maioria das crenças (8 em 9 casos[90]) exprime a cristianização dos lugares gravados, das gravuras ou do ato de gravar, tendo como pano de fundo temáticas e

[88] BAYARD, 2002: 10.

[89] Os conceitos de mouras e mouros são alegorias do imaginário popular que representam seres mágicos e maléficos, com fundo na reconquista da Península Ibérica, por parte dos reis católicos, aos muçulmanos — diabolizando estes últimos, «os infiéis» ou hereges (CORREIA, 2005).

[90] Considera-se aqui o facto de a Fraga das Passadas ter duas crenças associadas, embora complementares.

personagens de inspiração bíblica ou a vida de santos e de santas. Importa referir que o Penedo da Santa ou de Santa Eufémia e o Senhor do Monte também foram cristianizados fisicamente, com a colocação de uma cruz sobre o afloramento gravado. No caso do Senhor do Monte, trata-se de uma cruz metálica. Os dois cruzeiros têm dimensões consideráveis e são visíveis a vários metros de distância, o que reflete a grande importância do afloramento, das gravuras e da santidade que lhes é associada. É curioso notar que nos dois casos, nas imediações dos afloramentos gravados, existem templos, ainda que de dimensões bem díspares, em honra de Santa Eufémia e do Senhor.

Tais circunstâncias e factos são perfeitamente compreensíveis numa sociedade profundamente catolicizada, onde a religião servia de resposta para o desconhecido e como linha diretora de vida diária. A explicação dos podomorfos dentro da cosmovisão das populações rurais do noroeste de Portugal confere, ainda, a estes motivos rupestres, uma identidade benigna que integra e facilita a convivência das populações com estes lugares do passado.

Olhando à circunstância de que quase todas as crenças populares, transmitidas por tradição oral e anónimas, abordam personagens bíblicas ou santos, embora os seus factos históricos ou histórias de vida, estejam, por vezes, descontextualizados ou deformados pela imaginação popular, estas devem enquadrar-se na categoria de lendas, segundo a conceção de Pereira[91], entre outros autores[92].

No caso da crença popular sobre a Moura (ainda que algumas tenham existido historicamente), a narrativa que sobre ela se conta, da ordem do fantástico, não é localizável no tempo e no espaço. Porém, enquadra-se, ainda assim, no conceito de lenda, segundo os autores anteriormente citados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta as muitas centenas de sítios com arte rupestre do noroeste de Portugal[93], a existência de nomes próprios e de interpretações efetuadas para o fenómeno podomórfico são em maior número. Tal facto talvez se explique por se tratar de sítios com motivos figurativos (o pé), facilmente identificáveis, o que terá suscitado a necessidade da sua explicação e a perduração das crenças a eles associadas, através da memória popular.

Quanto às interpretações de cariz popular, não deixa de ser curioso que este símbolo se associa, maioritariamente, ao movimento, através de atos de passagem, frequentemente de caráter religioso, talvez traduzindo romagens ancestrais e resquícios da sua interpretação original.

---

[91] PEREIRA, 2001: 8.
[92] CASCUDO, 1976; PEREIRA, 2001; BAYARD, 2002; CASINHA NOVA, 2013; PARAFITA, 2006 *apud* CASINHA NOVA, 2013; MORAIS, FRAZÃO, 2019.
[93] BETTENCOURT, ABAD-VIDAL, RODRIGUES, 2017.

Em trabalhos anteriores colocou-se a hipótese de que estes afloramentos gravados seriam lugares aonde se teriam realizado peregrinações e cultos associados a ritos de passagem, em grande parte relacionados com a passagem da idade infantil para a idade adulta. Os podomorfos de adultos foram considerados como podendo corresponder a indivíduos que acompanhavam os mais jovens, oficiavam cerimónias ou faziam este tipo de viagem/peregrinação em idade mais tardia. Verificou-se, ainda, que as cerimónias da gravação do pé ou a visitação destes lugares ocorreu, fundamentalmente, durante os meses de primavera e de verão, embora o momento do solstício de verão parece ter sido a data preferencial[94].

Deste modo, considera-se que o caráter da viagem ou da passagem, inerente a várias crenças populares, poderá, igualmente, associar-se a fenómenos de peregrinação ou visitação destes lugares, em tempos mais remotos. Do mesmo modo, o sentido do sagrado, intrínseco ao grande número dos topónimos e das crenças populares que chegaram até hoje, poderá perpetuar a importância simbólica destes sítios do passado.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. E. (2012a). *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vol. I. Tese de doutoramento policopiada.

ABREU, M. E. (2012b). *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vol. II. Tese de doutoramento policopiada.

ACHRATI, A. (2015). *Sand and Sandals: Representation of feet in Saharan and Arabian Rock Art.* In COLLADO GIRALDO, H; GARCÍA ARRANZ, J., *eds*. *Symbols in the landscape: Rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015).* Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 387-401. (ARKEOS; 37).

ALMEIDA, C. A. B. (1990). *Proto-história e Romanização da Bacia Inferior do Lima.* Ponte de Lima: Centro de Estudos Regionais. (Estudos Regionais; 7/8).

ALMGREN, B. (1962). *Den osynliga gudomen. In Proxima Thule Sverige och Europa under forntid och medeltid. Hyllningsskrift till H. M. Konungen den 11 november 1962 utgiven av Svenska Arkeologiska Samfundet.* Stockholm: Norstedts förlag, pp. 53-71.

ALMGREN, O. (1926-1927). *Hällristningar och kultbruk.* Stockholm: Wahlström och Widstrand. (Kungl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademiens. Handlingar Del 35).

ANATI, E. (1974). *Lo stile sub-naturalistico camuno e l'origine dell'arte rupestre alpina*. «Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici». 11, 59-83.

ANATI, E. (1993). *World Rock Art: the primordial language.* Capo di Ponte: Edizione del Centro.

ANATI, E. (1994). *La statuaria preistorica in Europa*. In *La Statuaria Antropomorfa in Europa dal Neolitico alla Romanizzazione.* La Spezia: Istituto Internazionale di Studi Liguri, pp. 1-14.

ANDRADE, K. (2010). *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins. Atito*. Goiânia, Goiás: PUC.

ANDRADE, K. (2012). *Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade*. «Revista Domínios de Linguagem». 6:1, 205-225.

[94] MOREIRA, 2018; MOREIRA, BETTENCOURT, 2019, 2022.

ANTUNES, Pe. M. (2008 [1970]). *Obra Completa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Tomo I, volume II, parte I: *Theorica: cultura e civilização: cultura clássica: sebenta da história da cultura clássica (1970)*.

ARCÀ, A. (2015). *Footprints in the Alpine rock art, diffusion, chronology and interpretation*. In COLLADO GIRALDO, H; GARCÍA ARRANZ, J., *eds. Symbols in the landscape: Rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015).* Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 369-386. (ARKEOS; 37).

BAYARD, J.-P. (2002). *História das lendas.* Trad. Jeanne Marillier. [S.l.]: Edição Ridendo Castigat Mores. 1.ª edição: São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

BEN NASR, J. (2015). *Sandal engravings in the village of Guermessa (southeast of Tunisia): a graphic memorizing of a forgotten Berber ritual?* «Expression». 10, 7-9.

BENITO DEL REY, L.; GRANDE DEL BRÍO, R. (1994). *Nuevos Santuarios Rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca.* «Zephyrus». 47, 113-131.

BENITO DEL REY, L.; GRANDE DEL BRÍO, R. (2000). *Santuarios rupestres prehistóricos en el centro-oeste de España*. Salamanca: Librería Cervantes.

BERMEJO BARRERA, J. C.; ROMANÍ MARTÍNEZ, M. (2014). *ET PER UBI POSUERINTIS VESTROS PEDES IURARE. La cojuración y el posible uso de los signos podomorfos en la Galicia medieval y moderna*. «Madrider Mitteilungen». 55, 560-595.

BERTILSSON, U. (2013). *Divine footprints. Traces of cosmological archetypes and prehistoric religion on the rock faces*. In ANATI, E. *Art as Source of History*. Capo di Ponte: Edizione del Centro, pp. 163-172.

BERTILSSON, U. (2014). *Carved footprints and prehistoric beliefs: examples of symbol and myth practice and ideology*. «*Expression*». 6, 29-46.

BETTENCOURT, A. M. S.; ABAD-VIDAL, E.; RODRIGUES, A. (2017). *Rock art virtual corpus of north-western Portugal. A multimedia tool to investigate and describe post-Palaeolithic rock art.* In BETTENCOURT, A. M. S.; SANTOS-ESTÉVEZ, M.; SAMPAIO, H. A.; CARDOSO, D., *eds. Recorded Places, Experienced Places. The Holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west*. Oxford: Archeopress, pp. 123-150. (British Archaeological Reports – BAR; 2878).

CARDOSO, D. (2015). *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave – Noroeste Português*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Tese de doutoramento policopiada.

CARDOSO, M. (1994). *Obras de Mário Cardozo.* Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, vol. I.

CARVALHINHOS, P. D. (2003). *Onomástica e lexicologia: O Léxico Toponímico como Catalisador e Fundo de Memória. Estudo de caso: Os Sociotopônimos de Aveiro (Portugal)*. «Revista USP». 56, 172-179.

CASCUDO, L. C. (1976). *Dicionário do folclore brasileiro.* Brasília: J. Olympio, INL.

CASINHA NOVA, M. M. N. (2013). *As Lendas do Sobrenatural da região do Algarve.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.

COIMBRA, A. F. (1997). *Fafe, a Terra e a Memória*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe.

CORREIA, A. J. P. (2005). *Mouros míticos em Trás-os-Montes: contributos para um estudo dos mouros no imaginário rural a partir de textos da literatura popular de tradição oral*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Tese de doutoramento.

CUNHA, A. (1945). *Ensaios de Toponímia – Roques*. «Açção Católica» 30, 264-268.

DICK, M. (1990). *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado.

DICK, M. (1996). *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo: 1554-1987*. São Paulo: Annablume Editora.

ELIADE, M. (1972). *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A.

FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G.; FROSI, V. (2008). *Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização*. «Métis: história e cultura». 7:13, 277-298.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. (2014). *Toponímia e Memória: nomes e lembranças na cidade*. «Linha D'Água». 27:2, 141-157.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B.; DAL PIZZOL, E. V. (2013). *Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade*. «Revista Entreletras». 4:2, 10-30.

FALCHI, M. P.; PODESTÁ, M. M. (2015). *«Aquí estuvimos, por acá pasamos» Grabados de pisadas y huellas humanas en los desiertos sur andinos*. In COLLADO GIRALDO, H; GARCÍA ARRANZ, J., *eds. Symbols in the landscape: Rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015).* Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 289-312. (ARKEOS; 37).

FILIPE, A. *et al.* (2010). *Recursos minerais. O Potencial de Portugal*. São Mamede de Infesta: LNEG.

FITI, E. M. (2020). *Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para a sua Harmonização Gráfica*. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.

GARCÍA QUINTELA, M.; SANTOS-ESTÉVEZ, M. (2000). *Petroglifos podomorfos de Galicia e investiduras reales célticas: Estudio comparativo*. «Archivo Español de Arqueologia». 73, 5-26.

GOMES, M. V. (2010). *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural Pré e Protohistórico*. Lisboa: FCHS-UN Lisboa. Tese de doutoramento.

GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1974-1977). *As rochas decoradas da Alagoa, Tondela-Viseu*. «O Arqueólogo Português». 3.ª Série. 7/9, 145-164.

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira [s.d.]. Lisboa: Editorial Enciclopédia.

KLACEWICZ, A. C. (2009). *Lendas, mitos e história: estudo sobre as narrativas polonesas e gregas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LEAL, A. S. A. B. P. (1886). *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira.

LEAL, A. S. A. B. P. (2006a [1873]). *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. Tomo I: ABA-BUS.

LEAL, A. S. A. B. P. (2006b [1873]). *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. Tomo II: CAB-DUU.

LEAL, A. S. A. B. P. (2006c [1873]). *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. Tomo III: EBU-JUV.

LÉVI-STRAUSS, C. (1978). *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70. (Perspectivas do Homem; 8).

LHOTE, H. (1961). *Hacia el Descubrimiento de los frescos del Tasili, La Pintura Prehistórica del Sáhara*. Barcelona: Ediciones Destino.

LHOTE, H. (1975). *Les gravures rupestres de l'Oued Djerat (Tassili-n-Ajjer)*. Alger: S.N.E.D. 2 vols. (Mémoires du Centre de Recherches Anthropologiques Préhistoriques et Ethnographiques; XXV).

MACHADO, J. P., *coord.* (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Alfa, S. A.; Círculo de Leitores, vols. III e IV.

MOLINA GARCÍA, J. (1989-1990). *Podomorfos Humanos en el Complejo Epilítico del Arabilejo. Yecla (Murcia)*. «Anales de Prehistoria y Arqueología». 5-6, 59-67.

MORAIS, G.; FRAZÃO, F. (2009). *Mundo dos Mortos e das Mouras Encantadas*. Lisboa: Apenas Livros, vol. I.

MOREIRA, J. (2018). *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho.* Braga: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.

MOREIRA, J.; BETTENCOURT, A. M. S. (2019). *Depictions of Shoeprints in Northwest Portugal*. «Heritage». 2, 39-55.

MOREIRA, J.; BETTENCOURT, A. M. S. (2022). *Footprints and shoeprints, celestial cults and pilgrimages in the Bronze Age of Northwestern Iberia*. In POLKOWSKI, P.; FÖRSTER, F., *eds. Rock Art in the Landscape of Motion*. Oxford: BAR Publishing, pp. 153-162. (British Archaeological Reports – BAR; 3092).

MOREIRA, L. A. S. (2014). *O culto à virgem mártir Santa Eufémia em Portugal.* «Revista Santuários – Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas». 1:1, 209-216.

NIMURA, C. (2015). *Prehistoric Rock Art in Scandinavia: Agency and environmental change*. Oxford: Oxbow. (Swedish Rock Art Series; 4.)

NUNES, H. B. (1979). *Uma visita ao Castro do Santinho (Roques)*. «Festa das Neves». Viana do Castelo. 6. Separata.

PAÇO, A. (1942). *Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo)*. «O Instituto». 100, 271-274.

PARAFITA, A. (2005). *Mouros míticos em Trás-os-Montes: contributos para um estudo dos mouros no imaginário rural a partir de textos da literatura popular de tradição oral*. Vila Real: Universidade de Trás-os--Montes e Alto Douro. Tese de doutoramento.

PARAFITA, A. (2006). *A Mitologia dos Mouros*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro. (Mitologia e Memória).

PEREIRA, F. K. (2001). *Painel de lendas & mitos da Amazônia. Trabalho premiado (1.º lugar) no Concurso "Folclore Amazônico 1993" da Academia Paraense de Letras.* Belém, Pará: [s.n.].

PINTO, A. (1998). *2.º Festival de Folclore do Rancho da Casa do Povo da Longra*. Longra: Casa do Povo da Longra.

REIS, M. (2004). *Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. «Portal do Arqueólogo». [Consult. 11 ago. 2023]. Disponível em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>.

RIBEIRO, N. (2014). *Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais*. Salamanca: Faculdade de Geografia e História da Universidade de Salamanca. Tese de doutoramento.

RIBEIRO, N.; JOAQUINITO, A.; PEREIRA, S. (2012). *O podomorfismo na arte rupestre da fachada atlântica, que significado?* In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular.* Almodôvar: Município de Almodôvar, pp. 201-211.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1987). *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. Vol. 1: *A Posição Geográfica e o Território*.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1988). *Geografia de Portugal.* Lisboa: Edições João Sá da Costa. Vol. 2: *O ritmo Climático da Paisagem*.

SAGRERA, M. (1967). *Mito y Sociedad.* Barcelona: Labor.

SAMPAIO, A. A. (2005). *Evolução geodinâmica do Vale do Ave. O vale inferior e sua relação com a zona costeira*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.

SANTOS-ESTÉVEZ, M.; GARCÍA QUINTELA, M. (2000). *Petroglifos podomorfos del Noroeste Peninsular: Nuevas comparaciones e interpretaciones.* «Revista de Ciências Históricas». 15, 7-40.

SANTOS-ESTÉVEZ, M.; GARCÍA QUINTELA, M. (2002). *Arte rupestre y santuários.* «SÉMATA, Ciências Sociais e Humanidades». 14: *Profano y pagano en el arte gallego*, 37-149.

SARMENTO, F. M. (1884). *Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. «Revista de Guimarães».* 1:4, 161-189.

SARMENTO, F. M. (1933). *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica: obra comemorativa do 1.º centenário do nascimento do autor*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

SARMENTO, F. M. (1999). *Antiqua – Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

SCHAAFSMA, P. (2015). *Sandals as Icons: Representations in Ancestral Pueblo Rock Art and Effigies in Stone and Wood.* In COLLADO GIRALDO, H; GARCÍA ARRANZ, J., *eds. Symbols in the landscape: Rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015).* Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 319-341. (ARKEOS; 37).

SEABRA, M. C. T. C. (2006). *Referência e onomástica. Múltiplas perspetivas em linguística*. In *Anais do XI Simpósio Nacional / I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, pp. 1953-1960.

SILVA, A. C. F. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
SILVA, A. J. (2012). *Os nossos santos e beatos e outros que Portugal adotou*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
SKOGLUND, P.; NIMURA, C.; BRADLEY, R. (2017). *Interpretations of Footprints in the Bronze Age Rock Art of South Scandinavia*. In AA.VV. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 83, pp. 289-303.
VASCONCELLOS, J. L. (1882). *Tradições Populares de Portugal.* Porto: Livraria Portuense de Clavel.
VASCONCELLOS, J. L. (1897). *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional.
VASCONCELLOS, J. L. (1902-1903). *Antigualhas de Monção*. «O Archeologo Português». 7:1, 285-287.
VELASCO, D.; TAVARES, M. (2017). *Estudando Língua Portuguesa, História e Geografia por Meio da Toponímia: Uma Proposta*. «ArReDia: Revista». 6:11, 16-36.
VIANA, A. M. C. (2002). *Lendas do Vale do Lima*. Ponte de Lima: Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima.
WEITZEL, A. H. (1995). *Folclore Literário e Lingüístico: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular.* Juiz de Fora: EDUFJF.